

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Influência de pais, professores e pares no julgamento de situações de exclusão de homossexuais

Jackeline Maria de Souza, Maria Isabel da Silva Leme, Priscila Bonato Galhardo, Luciana Maria Caetano

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14873>

Submetido em: 2026-01-16

Postado em: 2026-01-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

INFLUÊNCIA DE PAIS, PROFESSORES E PARES NO JULGAMENTO DE SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO DE HOMOSSEXUAIS

JACKELINE MARIA DE SOUZA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3402-3481>

jackeline.souza@upe.br

MARIA ISABEL DA SILVA LEME²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0844-3554>

belleme@usp.br

PRISCILA BONATO GALHARDO³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1058-7146>

priscilabonatogalharDO@gmail.com

LUCIANA MARIA CAETANO⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2068-7375>

lmcaetano@usp.br

¹ Universidade de Pernambuco. Garanhuns, Pernambuco (PE), Brasil.

² Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo (SP), Brasil.

³ Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo (SP), Brasil.

⁴ Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo (SP), Brasil.

RESUMO: A literatura tem demonstrado que pares, professores e pais possuem papel importante no desenvolvimento moral, assim como na diminuição ou aumento de preconceito entre crianças e adolescentes. Na especificidade da exclusão contra pessoas homossexuais, ainda são poucos os estudos na área. Objetivou-se investigar as relações entre as mensagens emitidas por pais, professores e amigos e os julgamentos que os adolescentes fazem acerca da exclusão de pessoas homossexuais. Participaram 643 adolescentes que se autodeclararam heterossexuais e responderam a um questionário autoadministrado. Os resultados evidenciaram diferenças importantes nas percepções: professores foram identificados como principais emissores de mensagens positivas sobre igualdade entre pessoas independente de sua orientação sexual, enquanto o tema mostrou-se pouco presente nas famílias. Os pares, por sua vez, destacaram-se tanto pela frequência de mensagens igualitárias quanto pela presença de conteúdos negativos. Diferenças de gênero também foram observadas. As análises correlacionais indicaram associações entre mensagens positivas e julgamentos morais que rejeitam a exclusão, especialmente quando essas mensagens provêm dos pares. Já mensagens negativas associam-se a justificativas que endossam a exclusão. Os achados evidenciam o impacto das interações sociais no julgamento moral dos adolescentes e apontam para a relevância de práticas educativas que promovam equidade.

Palavras-chave: exclusão, desenvolvimento moral, adolescentes.

INFLUENCE OF PARENTS, TEACHERS AND PEERS ON THE JUDGMENT OF SITUATIONS OF EXCLUSION OF HOMOSEXUALS

ABSTRACT: The literature has shown that peers, teachers, and parents play an important role in moral development, as well as in the decrease or increase of prejudice among children and adolescents. Regarding the specific issue of exclusion against homosexual individuals, studies in this area remain scarce. The aim of this study was to investigate the relationships between messages conveyed by parents, teachers, and friends, and the judgments adolescents make about the exclusion of homosexual people. A total of 643 self-declared heterosexual adolescents participated and completed a self-administered questionnaire. The results revealed important differences in perceptions: teachers were identified as the main sources of positive messages about equality among people regardless of sexual orientation, while the topic appeared to be rarely discussed within families. Peers, in turn, stood out both for the frequency of egalitarian messages and for the presence of negative content. Gender differences were also observed. Correlational analyses indicated associations between positive messages and moral judgments rejecting exclusion, especially when such messages came from peers. Conversely, negative messages were associated with justifications that endorsed exclusion. The findings highlight the impact of social interactions on adolescents' moral judgment and underscore the relevance of educational practices that promote equity.

Keywords: exclusion, moral development, adolescents.

INFLUENCIA DE PADRES, PROFESORES Y PARES EN EL JUICIO DE SITUACIONES DE EXCLUSIÓN DE HOMOSEXUALES

RESUMEN: La literatura ha demostrado que los pares, los profesores y los padres desempeñan un papel importante en el desarrollo moral, así como en la disminución o el aumento del prejuicio entre niños y adolescentes. En cuanto a la exclusión hacia personas homosexuales, todavía existen pocos estudios en esta área. El objetivo de este estudio fue investigar las relaciones entre los mensajes emitidos por padres, profesores y amigos, y los juicios que los adolescentes realizan acerca de la exclusión de personas homosexuales. Participaron 643 adolescentes que se autodeclararon heterosexuales y respondieron un cuestionario autoadministrado. Los resultados mostraron diferencias importantes en las percepciones: los profesores fueron identificados como los principales emisores de mensajes positivos sobre la igualdad entre las personas, independientemente de su orientación sexual, mientras que el tema resultó poco presente en las familias. Los pares, por su parte, se destacaron tanto por la frecuencia de mensajes igualitarios como por la presencia de contenidos negativos. También se observaron diferencias de género. Los análisis correlacionales indicaron asociaciones entre los mensajes positivos y los juicios morales que rechazan la exclusión, especialmente cuando dichos mensajes provienen de los pares. En cambio, los mensajes negativos se asociaron con justificaciones que respaldan la exclusión. Los hallazgos evidencian el impacto de las interacciones sociales en el juicio moral de los adolescentes y señalan la relevancia de las prácticas educativas que promuevan la equidad.

Palabras clave: exclusión, desarrollo moral, adolescentes.

INTRODUÇÃO

Pares, professores e pais possuem papel importante no desenvolvimento moral, assim como na diminuição ou aumento de preconceito entre crianças e adolescentes. A relação adulto-criança é considerada como um dos fatores que levam essa criança que já consegue pensar em termos morais, ser a mesma a agir de forma preconceituosa (Killen; Cooley, 2013). Porém, mesmo com essas considerações,

os estudos que demonstram a influência dos diferentes atores escolares nos cenários de exclusão ainda são reduzidos. Na presente pesquisa, essas interações serão salientadas a partir dos dois principais ambientes de socialização e aprendizagem infanto juvenil: a escola e a família.

Os domínios do conhecimento social são construídos a partir de regularidades no ambiente social, logo, as diferentes experiências vivenciadas pelos indivíduos podem levar à construção de sistemas de conhecimento social distintos (Smetana, 2013). O ambiente onde o sujeito vive possibilitará construir e dar ênfase a certas regras sociais, sanções e regularidades (Caetano; Smetana, 2024). As instruções e conversas com os adultos que esclarecem sobre as consequências das transgressões para o bem-estar do outro são situações que facilitam o desenvolvimento de julgamentos morais (Caetano et al., 2024). Da mesma forma, interações sobre questões pessoais oportunizam as preferências e escolhas neste sentido (Smetana, 2013).

Os pares, amigos e irmãos propiciam importantes contextos para a aprendizagem de comportamentos morais, contudo, essa importância não elimina o papel que pais e outros adultos têm nesse desenvolvimento, visto que estes contribuem significativamente e positivamente para o desenvolvimento moral (Smetana, 2005). Os adultos exercem este papel, por exemplo, quando sinalizam para a criança a consequência que o seu ato teve para o bem-estar de outras pessoas, fazem perguntas para que as crianças busquem tomar a perspectiva do outro, elaboram perguntas hipotéticas, realizam trocas de papéis e debates argumentativos (Wong, 2020).

A importância de investigar as interações que adolescentes têm com seus pares e com adultos, se apoia na ideia de que estes relacionamentos promovem as experiências importantes para a construção do conhecimento social (Leme, 2025). A cultura também é um importante contexto de desenvolvimento na medida em que implica em diferentes conceitos sobre a inclusão do direito do outro, descreve a importância de manutenção das tradições e objetivos grupais, além de conceitos como autonomia, escolhas e direitos pessoais (Turiel, 2022). Embora esses conceitos possam diferenciar-se entre culturas, todas as convenções vão ter a mesma função: estruturar e facilitar as interações sociais (Smetana, 2013).

Vale relatar a respeito das convenções que regulam a vida social, que embora as atitudes em relação aos homossexuais tenham se tornado mais positivas desde os movimentos em prol dos direitos dessas populações, realizados nas décadas de 1970 e 1980, ainda se observam restrições aos mesmos, como por exemplo, considerar que são menos aptos para a adoção (Freires et al., 2021). Ainda a este respeito Ortellado, Ribeiro e Zeine (2022) verificaram que as opiniões contrárias à integração da população homossexual foram mais frequentes entre pessoas mais velhas e mais conservadoras.

No caso especialmente da adolescência, considera-se o ambiente escolar como um espaço privilegiado de convivência, muitas vezes marcado por conflitos, como exclusão e preconceito, mas também espaço de construção de uma sociabilidade saudável (Leme, 2025). Pensar essas relações na escola está para além da vivência entre pares, envolve também a relação professor-aluno e a consideração de que a família faz parte da escola (Yaegashi et al., 2023). Essa discussão faz sentido na medida em que compreendemos a escola não apenas como local de transmissão e construção do conhecimento, mas como um espaço de construção da sociabilidade e do desenvolvimento moral (Caetano et al., 2024).

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: SOBRE PARES, PROFESSORES E FAMÍLIA

Ao longo do desenvolvimento, o adolescente vai aprendendo sobre diferentes regras e expectativas sociais, bem como sobre as regularidades e particularidades destes contextos (Smetana, 2005). Assim, ao tomar consciência dessas expectativas, pode decidir em relação a quanto aceita ou rejeita tais normas, podendo essa aceitação variar a depender do contexto e de quanto o adolescente julgar que isso será relevante e significativo para os outros (Rutland; Killen; Abrams, 2010).

Essa concepção está relacionada à sensibilidade que indivíduos de todas as faixas etárias têm em antecipar o que é esperado na situação e a percepção das normas do seu grupo. Por exemplo, quando o sujeito tem consciência de uma norma de não preconceito racial, a sua manifestação tende a ser inibida nesse contexto (Rutland; Killen; Abrams, 2010).

Acerca da temática de gênero e orientação sexual, enquanto seres sociais, os professores não estão isentos de reproduzir a heteronormatividade vigente (Bassalo; Weller, 2020). Esta reprodução pode estar presente no âmbito de sala de aula desde momentos menos explícitos, como na elaboração de uma atividade para os alunos que negligencia as diferentes formações familiares e orientações sexuais, até formas mais explícitas, como quando punem comportamentos que são socialmente associados ao outro gênero (Bassalo; Weller, 2020).

Apesar de reconhecer a importância de se discutir gênero e diversidade sexual nas escolas brasileiras, muitos professores relatam despreparo ou insegurança para abordar o tema, devido à falta de formação adequada, medo de represálias e ausência de políticas educacionais claras (Moreira et al., 2021). Essa lacuna na abordagem escolar não é neutra, pois se conecta às dinâmicas de exclusão presentes no cotidiano das instituições, que têm sido associadas à violência escolar (Moyano; Sanchez-Fuentes, 2020). No que diz respeito ao *bullying* homofóbico, os dados vêm indicando uma maior vitimização e consequências negativas para o bem-estar de adolescentes LGBTs (Berlan et al., 2010; Friedman et al., 2011, Moyano; Sanchez-Fuentes, 2020).

Pesquisa que comparou adolescentes que estudam em escolas que realizam discussões acerca das relações de gênero e da orientação sexual demonstrou que os mesmos fizeram um julgamento mais negativo da exclusão, e essa avaliação baseou-se mais no domínio moral – ou seja, justificadas em pontos como bem-estar humano, direitos, justiça e danos ao próximo intrínsecos à ação de exclusão – do que no convencional, o qual é compreendido como o conhecimento compartilhado, arbitrário e definido por normas e convenções de um determinado grupo, e que podem ser apresentadas por uma autoridade (Horn; Szalacha, 2009).

No âmbito familiar, as atitudes parentais sobre preconceito têm sido um campo de estudo necessário, visto que estudos já têm demonstrado que pais que apresentam discursos igualitários tornam os filhos mais preparados para compreensão da equidade e justiça, evidenciando uma relação entre práticas parentais e diminuição do nível de preconceito entre crianças (Poteat; Russel, 2013). Por outro lado, estes podem também ser fontes de informações que fortaleçam as diferenças e discriminações intergrupais (Killen; Cooley, 2013).

A prática parental também pode ser vista como meio de prevenção de sofrimento psíquico futuro em virtude da vivência da exclusão e, cientes disso, pais de crianças de grupos étnicos minoritários relataram aos filhos situações de preconceito e discriminação tendo como objetivo desenvolver a

resiliência e a aprendizagem de estratégias frente ao preconceito (Lane et al., 2010). Na especificidade das discussões de gênero e sexualidade, vale destacar que no capítulo de revisão realizada no *Handbook of Moral Development* (Horn; Sinno, 2013), o contexto familiar não foi incluído entre as variáveis pesquisadas, o que pode indicar uma limitação de estudos nesse campo específico.

Para além das relações com os adultos, as interações entre pares têm sido destacadas em virtude da sua importância no desenvolvimento moral da criança (Smetana, 2005). No cenário dos estudos de exclusão, esse tipo de relação tem sido enfatizado de duas formas: (1) na busca da compreensão de como estas interações colaboram para o sentimento de pertencimento grupal e atribuição de aspectos negativos ao exogrupo; e (2) como essa relação pode favorecer a diminuição de estereótipos e preconceitos, e por outro lado, favorecer o desenvolvimento da empatia (Killen; Cooley, 2013).

A influência de pais e pares tem sido investigada principalmente a partir de questões que buscam verificar se a partir da legitimação conferida por eles à exclusão, ela se torna correta (Malti; Killen; Gasser, 2012; Wainman et al., 2012). Também nesses resultados, podem-se observar as sutilezas de cada situação, pois as exclusões motivadas por gênero e por características de personalidade foram toleradas, porém, não foram aceitas as exclusões baseadas na nacionalidade, demonstrando que embora a legitimidade da exclusão seja praticada por uma autoridade (pais ou professores), os adolescentes continuam avaliando-a como injusta (Malti; Killen; Gasser, 2012).

Nesta concepção da exclusão como um fenômeno multifacetado e que sofre influências de diferentes domínios do conhecimento social e da participação de outros atores sociais nessa construção (Horn; Sinno, 2013; Killen; Cooley, 2013), o presente estudo teve como objetivo investigar as percepções de adolescentes acerca das opiniões de pais, professores e pares sobre a igualdade entre pessoas homossexuais e heterossexuais, bem como analisar as possíveis associações entre tais percepções e os diferentes tipos de julgamentos frente a situações de exclusões de pessoas homossexuais.

MÉTODOS

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram selecionados por conveniência a partir dos seguintes critérios de inclusão: estar matriculado e cursando a rede de ensino; ter entre 12 e 18 anos; possuir autorização dos responsáveis e consentir com a participação. Foram excluídos adolescentes que, apesar de atenderem aos critérios, não demonstraram habilidade suficiente de leitura e escrita para responder aos instrumentos. Nesses casos, o participante pôde concluir a atividade normalmente, mas seu questionário foi desconsiderado na tabulação dos dados.

A amostra final foi composta por 643 adolescentes, sendo 291 adolescentes (45%) do estado de Pernambuco e 352 (55%) de São Paulo. Do total, 44% eram do sexo masculino e 56% do sexo feminino, com idades entre 12 e 16 anos, sendo a média de 14,6 anos (DP = 1,86). Todos os estudantes estavam vinculados ao ensino público.

Instrumento

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado elaborado pelas pesquisadoras para esta finalidade. A primeira parte desse instrumento era composta por dados sociodemográficas como sexo, idade, cidade de residência, série escolar, que permitiu a caracterização da amostra. A segunda parte do instrumento continha oito afirmações que investigavam as mensagens percebidas pelos adolescentes dos diferentes agentes de socialização - pais, amigos e professores - acerca de pessoas homossexuais. Para cada um dos agentes de socialização foi questionado se estes: (1) incentivam a ver gays e lésbicas como pessoas completamente iguais aos heterossexuais; (2) falam coisas que me levam a entender que eles não gostam de gays e lésbicas. As respostas foram registradas em escala Likert de cinco pontos, variando de 1 (nunca) a 5 (sempre), indicando a frequência com que o participante percebia cada situação.

A terceira parte do instrumento levantou informações acerca do grau de concordância dos adolescentes com diferentes justificativas de domínio moral, convencional e pessoal para a exclusão de pessoas homossexuais. Essa seção continha 18 itens, respondidos em escala Likert de cinco pontos, que variava de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Os itens abordavam tanto justificativas que legitimam quanto aquelas que reprovam a exclusão, permitindo identificar o posicionamento dos participantes diante de situações de exclusão social.

Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados em escolas previamente contatadas, em horários e dias acordados com a direção e os coordenadores responsáveis. Em um primeiro momento, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram entregues aos estudantes para que fossem levados aos responsáveis. Apenas os adolescentes que devolveram o TCLE devidamente assinado participaram da etapa seguinte da pesquisa.

No dia da aplicação, os participantes que possuíam autorização dos responsáveis preencheram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e receberam todas as orientações necessárias. Em seguida, responderam individualmente ao questionário, em formato autoadministrado, em uma sala de aula reservada para essa finalidade. O ambiente foi organizado para garantir tranquilidade e privacidade, assegurando que os adolescentes pudessem responder com atenção e sem interferências externas. A pesquisadora permaneceu presente durante toda a aplicação para esclarecer eventuais dúvidas.

Após a coleta, os questionários foram conferidos para verificar a completude das respostas, sendo incluídos nas análises apenas os questionários devidamente preenchidos. Todos os procedimentos seguiram as recomendações éticas para pesquisas com seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE 66808417.1.0000.5561 (parecer: 2.065.522).

Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi realizada com o auxílio do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), sendo conduzida uma análise descritiva das variáveis sociodemográficas e das respostas referentes à percepção das mensagens emitidas por pais, professores e amigos, visando caracterizar a amostra e identificar a frequência e porcentagem das respostas.

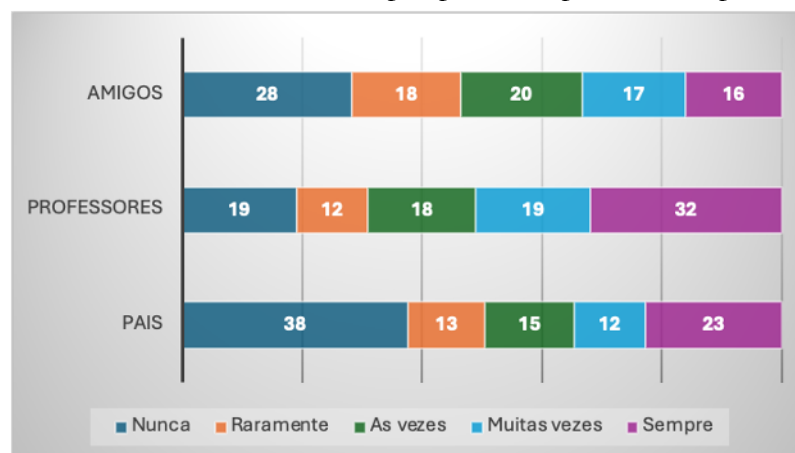
Para analisar as diferenças na percepção das mensagens de acordo com o sexo dos participantes, foram realizados testes Mann-Whitney U, em virtude da distribuição não normal dos dados. Por fim, para analisar as relações entre a percepção das mensagens e os julgamentos de exclusão e suas justificativas, foram conduzidas correlações de Spearman, adequadas para variáveis ordinais e não paramétricas. As análises consideraram o nível de significância de $p < 0,05$. Os resultados foram interpretados com base na direção e magnitude dos coeficientes, classificados como fracos, moderados ou fortes, conforme recomendações de Cohen (1988).

RESULTADOS

Percepções de mensagens emitidas por pais, pares e professores

Considerando as relações sociais com pais, professores e amigos, buscou-se identificar qual a porcentagem de adolescentes que perceberam a emissão de mensagens positivas que ressaltaram a igualdade entre pessoas homossexuais e heterossexuais. Conforme indicado na Figura 1, em relação aos pares, a frequência dessas mensagens foi bem distribuída entre as opções de respostas, embora a porcentagem dos que relataram nunca ouvir esse tipo de mensagem entre os amigos tenha sido de 28%. Em relação aos professores, observou-se também uma distribuição relativamente uniforme, sendo mais frequentes as respostas de que os mesmos sempre emitem mensagens positivas (38%). Em direção oposta, quando o emissor foram os pais, 38% dos adolescentes relataram que nunca emitiram mensagens dessa natureza.

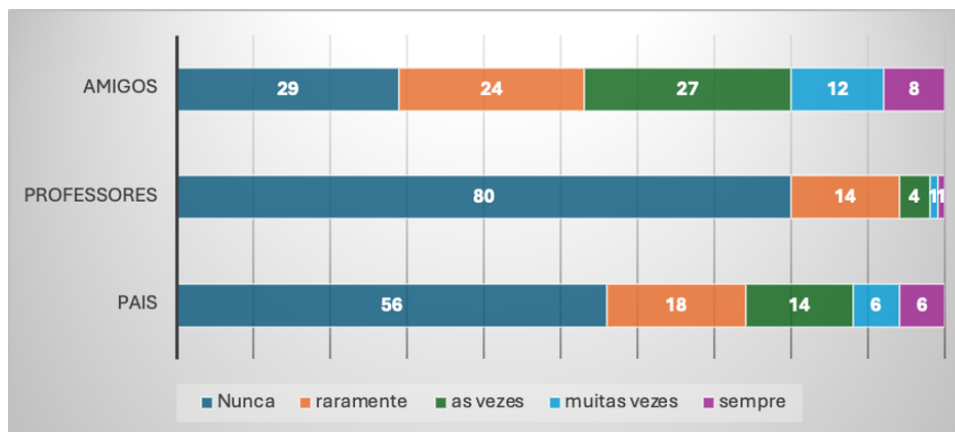
Figura 1 - Porcentagem das respostas quanto à percepção de emissão de mensagens acerca da igualdade entre homossexuais e heterossexuais por parte dos professores, pais e amigos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os participantes também foram questionados sobre a percepção de mensagens negativas acerca dos homossexuais, ou seja, falas com conteúdo que levam os adolescentes a entenderem que os pais, professores e amigos não gostam de pessoas com orientação não heterossexual. Esse tipo de conteúdo se fez mais presente nas relações entre os pares (amigos), relatado por 71% da amostra (somando as mensagens emitidas para as opções raramente a sempre). Entre os pais e professores esse número foi de 44% e 20%, respectivamente.

Figura 2 – Porcentagem das respostas quanto à percepção de emissão de mensagens negativas por parte dos professores, pais e amigos acerca dos homossexuais.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar conjuntamente as duas figuras, observa-se que os professores são a principal fonte do conteúdo que ressalta a igualdade entre os grupos de diferentes orientações sexuais, assim como são os que menos emitem mensagens de afetos negativos em relação a esse grupo. Em contrapartida, considerando a frequência das respostas “nunca” e “raramente” entre os pais nas duas situações, pode-se observar que o tema homossexualidade é ausente ou pouco frequente nas famílias. Por fim, os pares (amigos) apareceram como fonte de mensagens tanto positivas quanto negativas.

Na presente amostra, a percepção das atitudes positivas que ressaltaram a igualdade foi diferente entre participantes do sexo masculino e feminino. Essas diferenças foram encontradas na percepção de atitudes, emitidas pelos pais ($U = 40089,000$; $p < 0,001$), professores ($U = 45887,000$; $p < 0,05$) ou pares ($U = 33815,500$; $p < 0,001$). Em todos os casos, a percepção de mensagens positivas que ressaltam a igualdade entre homossexuais e heterossexuais foi maior entre as participantes do sexo feminino. Em contrapartida, os participantes do sexo masculino relataram maior percepção de mensagens negativas emitidas pelos pares ($U = 39073,500$; $p < 0,001$). Não houve diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$) na percepção de mensagens com conteúdo de afetos negativos em relação a homossexuais emitidas pelos professores e pais.

Relações entre percepções, julgamentos de exclusão e justificativas

A Tabela 1 a seguir apresenta que as mensagens parentais, dos professores e dos amigos que ressaltam a igualdade entre as pessoas independente da orientação sexual foram correlacionadas positivamente com os julgamentos de que é errado excluir uma pessoa por ela ser homossexual, além de correlacionarem positivamente também com todos os tipos de justificativas. Ou seja, quanto mais os adolescentes perceberam as mensagens positivas oriundas de pais, professores e amigos, mais eles concordaram que é errado excluir e menos concordaram com afirmativas que dizem ser certo excluir. Destaca-se, entretanto, que em todos os casos as forças de correlação foram fracas.

No que tange às mensagens que expressam afetos negativos em relação a pessoas não heterossexuais, quando estas foram emitidas pelos pais, elas não apresentaram correlação estatisticamente significativa com os juízos dos adolescentes ($p > 0,05$). As mensagens negativas emitidas pelos amigos associaram-se de forma positiva com a concordância de que é certo excluir uma pessoa homossexual,

tanto no domínio convencional quanto pessoal, sendo a magnitude dessa correlação moderada. Em relação à percepção das mensagens emitidas pelos professores, estas tiveram correlação negativa com opinião do domínio pessoal, de que é errado excluir, mas, a magnitude dessa correlação foi a menor encontrada. Outro resultado a ser destacado é o fato de que as forças de correlação com as mensagens que endossam o julgamento de que é certo excluir foram superiores para as justificativas de domínio convencional.

Tabela 1 - Correlações entre a frequência de percepção de mensagens emitidas por pais, professores e amigos, e justificativas que afirmam ser certo ou errado excluir uma pessoa homossexual.

	Afirmativas que julgam errada a exclusão			Afirmativas que julgam certa a exclusão	
	Moral	Convencional	Pessoal	Convencional	Pessoal
Percepção de emissão de mensagens de igualdade entre homossexuais e heterossexuais					
Pais	0,298***	0,231***	0,219***	-0,394***	-0,193***
Professores	0,221***	0,125**	0,169***	-0,272***	-0,130**
Amigos	0,366***	0,218***	0,278***	-0,424***	-0,299***
Percepção de emissão de mensagens que refletem afetos negativos em relação a pessoas homossexuais					
Pais	0,037	-0,033	0,030	0,064	0,034
Professores	-0,060	-0,049	-0,102**	0,098*	0,051
Amigos	-0,113**	-0,121**	-0,121**	0,195***	0,182***

Nota: os asteriscos indicam relações estatisticamente significantes, sendo * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

Fonte: Dados da pesquisa.

Esses resultados permitem concluir que quanto mais frequentemente se tem acesso às mensagens que ressaltam a igualdade entre pessoas heterossexuais e homossexuais, sejam elas emitidas por pais, pares ou professores, mais o adolescente tende a concordar que é errado excluir uma pessoa homossexual por motivos morais, convencionais e pessoais; e ainda tendem a concordar menos com justificativas que afirmam ser certo excluir. Essa conclusão é possível a partir das correlações estatisticamente significantes que evidenciaram que a relação entre esses dados não se deu ao acaso. Contudo, as correlações variaram entre fracas e moderadas e permitiram verificar uma maior relação entre esses dados quando as mensagens são emitidas pelos pares.

Quando a mensagem em questão envolve afetos negativos em relação ao grupo alvo de exclusão, observou-se uma menor relação entre a frequência de acesso a essas mensagens e os níveis de concordância dos adolescentes em relação às justificativas de que é certo ou errado excluir uma pessoa homossexual. Essa relação não ocorreu quando estas mensagens foram emitidas pelos pais e pouco

relevantes quando emitidas pelos professores. No entanto, quando essa mesma mensagem foi emitida por um par (amigo), ocorreu relação significativa com todos os julgamentos.

DISCUSSÃO

De modo geral, os dados demonstraram que o tema da homossexualidade, sua aceitação ou rejeição em relação a esse grupo foram observados nas conversas entre pares, sendo estes também as principais fontes de influência em relação a concordância ou não da exclusão de uma pessoa homossexual. Para essa amostra, observou-se que os pais pouco abordaram a temática seja no seu julgamento negativo, seja no ensino da aceitação das diferenças. Os professores, por sua vez, na percepção dos adolescentes, emitiram mais mensagens em prol da igualdade entre sujeitos de diferentes orientações sexuais.

Embora a força das correlações tenha sido fraca em sua maior parte, é importante destacar que estas foram estatisticamente significantes. Entre as correlações com maior força, destacaram-se o papel das mensagens que relatam a igualdade entre homossexuais e heterossexuais, uma vez que desempenharam papel importante para os adolescentes no processo de não aceitação das convenções com argumentos baseados em estereótipos e expectativas sociais que afirmam ser certo excluir uma pessoa homossexual. Esse resultado é de extrema importância e ressalta a viabilidade de desenvolver intervenções que desenvolvam o senso de igualdade humana e o possível efeito positivo que essas intervenções podem ter no rompimento com convenções consideradas injustas, uma vez que priorizam um determinado grupo e desfavorecem outro. Esse achado também é coerente com a perspectiva teórica aqui adotada que destaca o papel das interações sociais nos julgamentos dos adolescentes acerca da exclusão (Killen; Cooley, 2013).

Apesar da influência parental ser relevante, os resultados dessa pesquisa evidenciaram a relativa ausência dos pais na orientação dos filhos sobre a igualdade entre as pessoas para além da sua orientação sexual, o que pode futuramente comprometer o seu desenvolvimento de competências sociais. Essas habilidades estão diretamente associadas às ações parentais que estimulem a prática do diálogo entre pais e filhos e que promovam a autonomia e liberdade dos filhos na escolha de suas amizades (Smetana, 2013).

Ao considerar a força de correlação, observou-se que os pais possuem mais influência nos julgamentos adolescentes, comparados aos professores, quando estes emitem mensagens de igualdade entre homossexuais e heterossexuais. Esse resultado torna-se relevante para o conhecimento na área, visto que o cenário familiar ainda é pouco explorado em relação à temática da exclusão por homofobia (Horn; Sinno, 2013).

Desta forma, em relação à influência dos pais, observou-se que quando estes emitem com frequência mensagens que destacam a igualdade entre homossexuais e heterossexuais, os filhos tendem a ter mais respostas morais frente à exclusão de homossexuais. Congruente com esse resultado, Poteat e Russell (2013) verificaram que os adolescentes que percebem que seus pais têm atitudes mais positivas em relação às minorias sexuais relataram menor adesão ao comportamento homofóbico. Por outro lado, a percepção dos estudantes de atitudes parentais preconceituosas esteve associada a comportamentos homofóbicos, reforçando a relevância dessa variável para compreensão dessa forma de violência (Poteat; DiGiovanni; Scheer, 2013).

Vale destacar que essa influência parental aparentemente não é determinante, visto que nessa pesquisa, as mensagens dos pais com afetos negativos em relação às pessoas não heterossexuais, não estiveram associadas com o julgamento dos adolescentes em relação à exclusão desse grupo em nenhum dos domínios do conhecimento social. É sabido que a assimilação do meio social não se dá de forma passiva e nem sempre há legitimação da autoridade parental (Smetana; Asquith, 1994; Caetano et al., 2019), inclusive quando as regras fornecidas pela autoridade são vistas como não morais, às as crianças e adolescentes tendem a rejeitar essa autoridade e julgar a regra como errada (Smetana; Li; Mncwabe, 2024).

Embora tenham importância na formação moral dos filhos, observa-se que os pais abordam pouco o assunto da homossexualidade. Esse silêncio frente à temática pode se dar pelo fato de não se sentirem preparados para tal ação, ou não julgarem essa conversa necessária (Nery et al., 2015). Quando este diálogo acontece, observa-se uma maior facilidade do genitor abordar o assunto com o filho do mesmo sexo, e na maioria dos casos a questão fica circunscrita à parte biológica da sexualidade, como métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (Nery et al., 2015).

Apesar do resultado da presente pesquisa que evidenciou o número considerável de famílias que não abordam a temática da homossexualidade e da igualdade humana, e também o cenário no qual ainda se observa resistência em relação à temática, os pais muitas vezes ainda negam esse direito à escola (Hong; Garbarino, 2012).

No que tange ao papel desempenhado pelos professores, embora a literatura aponte esse profissional como atuante na manutenção das diferenças de gênero e orientação sexual (Diniz, 2011), em práticas discriminatórias (Sepulveda, 2016), ou sem se considerar apto para lidar com as questões de violência relativas às diferenças sexuais e de gênero (Madureira; Branco, 2015). Na presente pesquisa os professores são vistos pelos alunos como fontes de mensagens que ressaltam a igualdade entre homossexuais e heterossexuais. Além disso, a percepção de que estes últimos mantêm afetos negativos em relação aos homossexuais foi reduzida. Desta forma, esses dados evidenciaram uma realidade que embora ainda não seja a ideal, parece menos negativa do que a apresentada na literatura em anos anteriores.

Os resultados demonstraram associação apenas entre as mensagens negativas e os julgamentos convencionais, ou seja, as mensagens emitidas pelos professores estiveram associadas à sua aprovação em relação às convencionalidades que afirmam ser certo excluir uma pessoa homossexual, mas não se relacionaram com a consideração de que é certo excluir em virtude da aceitação da escolha pessoal do autor da exclusão.

Por fim, destaca-se o papel de maior influência dos pares. Quando estes emitem mensagens negativas acerca dos homossexuais, os amigos tendem a fazer menos julgamentos morais. No entanto, quando as mensagens dos pares defendem a igualdade entre homossexuais e heterossexuais, tais percepções estiveram correlacionadas com as justificativas de cunho moral dadas pelos adolescentes. Esses resultados nos permitem afirmar que no julgamento acerca da exclusão de homossexuais, os adolescentes consideram não apenas o seu entendimento sobre sexualidade e justiça (Horn; Sinno, 2013), mas também levam em consideração as influências dos grupos de pares, as quais podem atuar de forma positiva ou negativa na aceitação da diversidade sexual.

A percepção de mensagens positivas e negativas dos pares em relação à homossexuais, bem como a maior influência desse grupo podem ser interpretadas com base na fase de desenvolvimento investigada, visto que na adolescência os grupos de pares tornam-se fontes de influência cada vez mais

fortes e presentes (Poteat; Russell, 2013). Essa fase é descrita ainda como o momento relevante do desenvolvimento, no qual se ampliam os contatos com adolescentes do outro sexo, e se buscam uma maior conformidade com os pares, o que pode acontecer concomitante a um afastamento das figuras parentais (Killen; Smetana, 2013). Nessa fase também se desenvolvem atitudes em relação aos diferentes grupos, bem como os papéis de gênero (Mata; Ghavami; Wittig, 2010).

Discute-se ainda o fato de que as adolescentes do sexo feminino perceberam mais mensagens positivas do que os do sexo masculino, enquanto estes relataram maior percepção de mensagens negativas dos pares. Resultado semelhante foi observado por Poteat, DiGiovanni e Scheer (2013), diferindo, no entanto, pelo fato de que as mensagens positivas vistas com maior frequência pelas adolescentes do sexo feminino foram oriundas da mídia e estiveram associadas à maiores níveis de empatia. Os dados revelaram ainda que a percepção dessas mensagens positivas compartilhadas em sala de aula também esteve associada à maiores níveis de empatia e menor engajamento em situações de homofobia (Poteat; DiGiovanni; Scheer, 2013).

É importante ainda refletir sobre essa diferença de gênero na percepção de mensagens positivas. Essas diferenças poderiam ser atribuídas aos assuntos abordados com cada gênero ou da maior atenção dirigida para tais temáticas? Vale salientar ainda a maior percepção de mensagens negativas nos contextos de pares pelos adolescentes do sexo masculino, que podem estar associadas ao fato de estes serem vistos como interlocutores até receptivos para esses comentários na busca de afirmação da sua heterossexualidade e diferenciação do grupo de homossexuais, ou é possível ainda que se deva ao fato do grupo de pares ser formado majoritariamente por adolescentes do sexo masculino, os quais tendem a apresentar maiores níveis de preconceito (Figueiredo; Pereira, 2021). São necessárias novas pesquisas para responder esses questionamentos.

Os dados apresentados mostraram a complexidade envolvida na questão dos julgamentos sobre a exclusão de homossexuais que não se pretende limitar, mas sim elucidar sobre o papel das influências interpessoais e dos conhecimentos compartilhados entre adolescentes, pais e professores. Essa compreensão pode ainda ser ampliada em estudos futuros destacando o papel de outras variáveis, uma vez que além da influência social de pares e figuras de autoridade, tem-se ainda fatores sociodemográficos (como gênero, idade e nacionalidade), as características da própria exclusão, tais como a motivação e o contexto em que ocorre; as relações e normas intergrupais, tais como estereótipos e contato afetam os julgamentos de situações de exclusão (Souza; Caetano; Dell'Agli, 2020). Portanto, a aceitação ou rejeição de uma atitude de exclusão depende de como os indivíduos ponderam e equilibram estes diferentes fatores, que se articulam com os domínios do conhecimento moral, convencional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta ao objetivo da pesquisa, observou-se uma maior influência dos pares nos julgamentos da exclusão de pessoas homossexuais. A influência dos adultos, pais ou professores, foi maior quando estes emitiram mensagens positivas de igualdade entre homossexuais e heterossexuais. Observou-se ainda uma maior presença de conteúdos favoráveis à igualdade entre homossexuais e heterossexuais entre pares e professores; maior percepção da influência de pares nos julgamentos dos adolescentes; associação entre mensagens positivas e julgamentos de domínio moral; maior prevalência

de mensagens manifestando afeto negativo em relação a homossexuais entre pares (amigos); associação entre mensagens expressando afeto negativo de pares acompanhadas de justificativas que afirmavam ser certo excluir uma pessoa homossexual.

Considerando que ainda é frequente entre adolescentes conteúdos que demonstram afetos negativos em relação a homossexuais, bem como os resultados obtidos nessa pesquisa que revelaram uma maior influência dos amigos (pares), sugere-se investimento em programas interventivos, nos quais os próprios adolescentes sejam multiplicadores. Essa metodologia de intervenção torna-se relevante ainda por assegurar que esse público esteja recebendo informações importantes e confiáveis e que tenham como preceito valores morais, para que não haja efeito reverso. No entanto, vale destacar que essa forma de intervenção mediada por pares, não anula a necessidade de pais e professores também se tornarem fonte de mensagens que ressaltam o respeito à diversidade sexual e de gênero.

Conclui-se ainda que no que tange à influência da percepção de pais, professores e pares, ainda que necessitando de mais estudos, a presente pesquisa traz evidências da existência de um discurso negativo em relação a homossexuais entre os adolescentes, bem como da influência que esses atores sociais tem entre seus pares.

Considerando a limitação do método adotado e o recorte dessa pesquisa que verificou apenas uma correlação entre as respostas dadas às situações de exclusão com os níveis de concordância com justificativas e frequência de percepção de mensagens emitidas por pais, amigos e professores, sugere-se que novas pesquisas não considerem apenas a percepção das mensagens emitidas em sua frequência de acesso, mas também quanto a sua legitimidade, e como isso se transforma ao longo do desenvolvimento da infância à adolescência e fase adulta.

Diante desses resultados que mostraram as diferentes percepções e julgamentos dos adolescentes e a influência das mensagens emitidas por pais, pares e professores sobre as relações com as minorias sociais, sugere-se que novos estudos investiguem ainda quais fatores estão associados com a aceitação ou rejeição dessas mensagens e que façam os adolescentes superar a autoridade, a força do grupo de pares e a normatividade em nome dos direitos e igualdade humana. Além disso, sugere-se que essas situações envolvam diferentes contextos e minorias e sejam realizados estudos com participantes de diferentes faixas etárias. Novas pesquisas podem investigar ainda outras fontes de influência, tais como as diferentes mídias (jornalismo, filmes, séries e redes sociais), bem como, a eficiência de formações com pais, adolescentes e professores no desenvolvimento de valores morais e diminuição de afetos negativos em relação a grupos estigmatizados.

REFERÊNCIAS

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Igualdade de direitos ou heteronormatividade? Professores e professoras diante da homossexualidade. *Práxis Educativa*, v. 15, p. 1-18, 2020. <<https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.14305.021>>

BERLAN, Elise D. et al. Sexual orientation and bullying among adolescents in the growing up today study. *Journal of Adolescent Health*, v. 46, n. 4, p. 366-371, 2010. Disponível em: <[https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(09\)00647-8/pdf](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(09)00647-8/pdf)>. Acesso em: 04/10/2025.

CAETANO, Luciana Maria; SMETANA, Judith G. *Desenvolvimento moral da criança e teoria do domínio social*. São Paulo: Ideias e Letras, 2024.

CAETANO, Luciana Maria et al. Concepções educativas morais de crianças e adolescentes: diálogo entre teoria do juízo moral de Piaget e teoria do domínio social de Turiel. *Educação e Pesquisa*, v. 45, p. 1-19, 2019. <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945193129>>

CAETANO, Luciana Maria et al. As escolhas das crianças e a resistência (ou não) às estratégias de controle parental. In: CAETANO, Luciana Maria; LIMA, Cintia Paloma Lopes; ALBINO, Laura Aparecida Martins (orgs.). *Desenvolvimento moral em discussão*. São Paulo: Blucher Open Access, 2024, cap. 7, p. 116–129.

COHEN, Jacob. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New York: Routledge, 2013.

DINIZ, Debora. Estereótipos de gênero nas cortes internacionais-um desafio à igualdade: entrevista com Rebecca Cook. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, p. 451-462, 2011. <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200008>>

FIGUEIREDO, Camilla Vieira; PEREIRA, Cicero Roberto. The effect of gender and male distinctiveness threat on prejudice against homosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 121, n. 6, p. 1241-1257, 2021. <<https://doi.org/10.1037/pspi0000269>>

FREIRES, Leogildo Alves et al. Contrastando opiniões acerca da adoção de crianças por casais hétero e homossexuais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, n. spe3 p. 1-14, 2021. <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003216273>>

FRIEDMAN, Mark S. et al. A meta-analysis of disparities in childhood sexual abuse, parental physical abuse, and peer victimization among sexual minority and sexual nonminority individuals. *American journal of public health*, v. 101, n. 8, p. 1481-1494, 2011. DOI: [10.2105/AJPH.2009.190009](https://doi.org/10.2105/AJPH.2009.190009)

HONG, Jun Sung; GARBARINO, James. Risk and protective factors for homophobic bullying in schools: An application of the social-ecological framework. *Educational Psychology Review*, v. 24, n. 2, p. 271-285, 2012. <<https://doi.org/10.1007/s10648-012-9194-y>>

HORN, Stacey S.; SZALACHA, Laura A. School differences in heterosexual students' attitudes about homosexuality and prejudice based on sexual orientation. *International Journal of Developmental Science*, v. 3, n. 1, p. 64-79, 2009. <<https://doi.org/10.3233/DEV-2009-3108>>

HORN, Stacey S.; SINNO, Stefanie M. Gender, Sexual Orientation, and Discrimination Based on Gender and Sexual Orientation. In: KILLEN, Melanie.; SMETANA, Judith G. (orgs.). *Handbook of Moral Development*. New York and London: Psychology Press, 2013, cap. 15, p. 317-339.

KILLEN, Melanie, SMETANA, Judith. *Handbook of moral development*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

KILLEN, Melanie; COOLEY, Shelby. Morality, Exclusion, and Prejudice. In: KILLEN, M.; SMETANA, J.G. (orgs.). *Handbook of Moral Development*. New York and London: Psychology Press, 2013, cap. 16, p. 340-360.

LANE, Jonathan D. et al. Theory of mind and emotion understanding predict moral development in early childhood. *British Journal of Developmental Psychology*, v. 28, n. 4, p. 871-889, 2010. <<https://doi.org/10.1348/026151009X483056>>

LEME, Maria Isabel da Silva. *A Sociabilidade em Risco: Bullying e outros conflitos*. São Paulo: Editora Contexto, 2025.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015. <<https://doi.org/10.9788/TP2015.3-05>>

MALTI, Tina; KILLEN, Melanie; GASSER, Luciano. Social judgments and emotion attributions about exclusion in Switzerland. *Child Development*, v. 83, n. 2, p. 697-711, 2012. <<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01705.x>>

MATA, Jessieka; GHAVAMI, Negin; WITTIG, Michele A. Understanding gender differences in early adolescents' sexual prejudice. *The Journal of Early Adolescence*, v. 30, n. 1, p. 50-75, 2010. <<https://doi.org/10.1177/0272431609350925>>

MOREIRA, Maria Ignez Costa et al. Relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte: formação docente continuada. *Psicologia em Estudo*, v. 26, p. 1-9, 2021. <<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.47746>>

MOYANO, Nieves; SÁNCHEZ-FUENTES, Maria Del Mar. Homophobic bullying at schools: A systematic review of research, prevalence, school-related predictors and consequences. *Aggression and Violent Behavior*, v. 53, 2020. <<https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101441>>

NERY, Inez Sampaio et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015. <<https://doi.org/10.1590/1982-0194201500048>>

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto; ZEINE, Leonardo. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. *Opinião Pública*, v. 28, n. 1, p. 62-91, 2022. <<https://doi.org/10.1590/1807-0191202228162>>

POTEAT, V. Paul; DIGIOVANNI, Craig D.; SCHEER, Jillian R. Predicting Homophobic Behavior Among Heterosexual Youth: Domain General and Sexual Orientation-Specific Factors at the Individual and Contextual Level. *Journal Youth Adolescence*, n. 42, p. 351-362, 2013. <<https://doi.org/10.1007/s10964-012-9813-4>>

POTEAT, V. Paul; RUSSELL, Stephen T. Understanding homophobic behavior and its implications for policy and practice. *Theory into practice*, v. 52, n. 4, p. 264-271, 2013. <<https://doi.org/10.1080/00405841.2013.829729>>

RUTLAND, Adam; KILLEN Melanie; ABRAMS, Dominic. A New Social-Cognitive Developmental Perspective on Prejudice: The Interplay Between Morality and Group Identity. *Perspectives on Psychological Science*, v. 5, n. 3, p. 279-291, 2010. <<https://doi.org/10.1177/1745691610369468>>

SEPULVEDA, Denize. A religião e a homofobia no cotidiano escolar. *Revista nuestr.América*, v. 4, n. 8, p. 120-136, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48697716>. Acesso em: 04/10/2025.

SOUZA, Jackeline Maria; CAETANO, Luciana Maria; DELL'AGLI, Betânia Alves Veiga. Contributions of social domain theory for the study of exclusion: A systematic literature review. *Trends in Psychology*, v. 28, n. 3, p. 437-456, 2020. <<https://doi.org/10.1007/s43076-020-00024-4>>

SMETANA, Judith. G. Social-Cognitive Domain Theory: consistencies and variations in children's moral and social judgments. In: KILLEN, Melanie, SMETANA, Judith. *Handbook of moral development*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, cap. 3, p. 119-153.

SMETANA, Judith G. Moral Development: The Social Domain Theory View. In: ZELAZO, Philip David (org.). *The Oxford Handbook of Development Psychology*. V.1. Nova York: OUP – Oxford University, 2013, cap. 23, p. 832-863.

SMETANA, Judith G.; ASQUITH, Pamela. Adolescents' and parents' conceptions of parental authority and personal autonomy. *Child Development*, v. 65, n. 4, p. 1147-1162, 1994. <<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00809.x>>

SMETANA, Judith G.; LI, Yuejiao; MNCWABE, Sduduzo. Voluntariness, timing, and consistency in adolescent routine disclosure and lying to parents. *Journal of Adolescence*, v. 96, n. 1, p. 152-166, 2024. <<https://doi.org/10.1002/jad.12265>>

TURIEL, Elliot. Moral judgments and actions: development and processes of coordination. In: KILLEN, Melanie; SMETANA, Judith G. (orgs.). *Handbook of moral development*. New York: Routledge, 2022. cap. 1, p. 3-18.

WAINMAN, Broiny et al. Young children's beliefs about including others in their play: Social and moral reasoning about inclusion and exclusion. *Australasian Journal of Early Childhood*, v. 37, n. 3, p. 137-146, 2012. <<https://doi.org/10.1177/183693911203700318>>

WONG, Mei-Yee. Beyond asking “should” and “why” questions: contextualised questioning techniques for moral discussions in moral education classes. *Journal of Moral Education*, v. 50, n. 3, p. 368–383, 2020. <<https://doi.org/10.1080/03057240.2020.1713066>>

YAEGASHI, João Gabriel et al. Bullying e cyberbullying no contexto escolar: uma revisão de literatura acerca da responsabilidade civil dos estabelecimentos de ensino e demais responsáveis. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 15, n. 2, p. 1193-1229, 2023. <<https://doi.org/10.55905/cuadv15n2-013>>

Submetido: XX/XX/XXXX

Aprovado: XX/XX/XXXX

Editor(a) de seção:

Contribuição de autoria (CRediT):

- **Jackeline Maria de Souza:** Data curation; Formal analysis; Investigation; Methodology; Writing – Original Draft Preparation.
- **Maria Isabel da Silva Leme:** Validation; Writing – Review & Editing.
- **Priscila Bonato Galhardo:** Data curation; Investigation; Writing – Review & Editing.
- **Luciana Maria Caetano:** Formal analysis; Investigation; Methodology; Supervision; Validation; Writing – Original Draft Preparation; Writing – Review & Editing.

Conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Declaração de Dados da Pesquisa

Os dados que fundamentam os resultados deste estudo não estão disponíveis publicamente em razão de restrições éticas e legais, uma vez que envolvem informações sensíveis de participantes humanos. O acesso aos dados pode ser solicitado aos autores correspondentes, de acordo com a demanda dos pareceristas.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.